O ROMANCE DE HORTÊNCIA E A HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO: OS SUJEITOS INVISIBILIZADOS DA SOCIEDADE AMAZÔNICA OITOCENTISTA[1]

Elber Levy Teixeira Soares[2]

RESUMO: O presente trabalho faz parte dos apontamentos da pesquisa de Iniciação Científica, com base no projeto de pesquisa: "Os sabores da cidade: práticas alimentares, hierarquias sociais, a cozinha mestiça e seus lugares em Belém do Pará". O recorte da pesquisa foi especificamente os anos de 1870-1890, onde era concentrado na sociedade belenense, uma parte da população negra e mestiça dentro dos centros urbanos, e ao mesmo tempo, estava sendo implantado o padrão europeu de "civilização e progresso", conhecida como *Belle Époque*. O objetivo central é discutir sobre os sujeitos invisibilizados/silenciados pela sociedade do Grão-Pará destacados na obra do escritor Marques de Carvalho intitulada "Hortência", fazendo uma relação com as documentações periódicas, especificamente o jornal "Diário de Belém" para a localização dos sujeitos em torno dos hábitos e práticas alimentares sobre o alimento. Após os debates, será apresentado alguns resultados iniciais das pesquisas, destacando a relação do romance e o jornal (reportagens, anúncios, editais, cardápios).

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação. Escravidão. Sujeitos silenciados.

1. APRESENTAÇÃO

A segunda metade do século XIX é considerada os anos da Revolução Industrial e da Belle Époque que estava ocorrendo na Europa[3], e influenciou diretamente o Brasil, levando a saída das elites rurais do campo para os centros urbanos por conta da infraestrutura que estavam sendo construídos para atender uma demanda da burguesia,

[1] O texto é fruto dos resultados iniciais do projeto de pesquisa intitulado: "Os sabores da cidade: práticas alimentares, hierarquias sociais, a cozinha mestiça e seus lugares em Belém do Pará (1850-1900)", em vigência nos anos 2021-2022, sob orientação da Profº Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo.

[2] Graduando em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: elber599@gmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6385071540053931.

[3] No século XIX, as *formas de produção em massa* foram consolidadas na Europa e nos Estados Unidos, onde as pessoas começaram sair do campo para as cidades em virtude da *industrialização* e novas formas de *exploração* foram elaboradas para *atender a classe burguesa.* Ao mesmo tempo, podemos associar a Belle Époque que foi fruto de um *acúmulo do capital*, gerando a *crescente urbanização* das grandes cidades e o aumento da pobreza, sendo que os mais pobres foram expulsos dos centros urbanos. MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. A Mudança do Paradigma Econômico, a Revolução Industrial e a Positivação do Direito do Trabalho. *Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania*, V.3, nº1, 2012. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Fer1.pdf. Acesso em: 05 Dez. 2021. p. 14-17..

implantação dos modelos civilizatórios e científicos dentro da perspectiva eurocêntrica, consequentemente, afetou diretamente os hábitos alimentares dos sujeitos.

Esses dois eventos mencionados, estava afetando a sociedade belenense como todo, onde era administrada pelo Império da Coroa Portuguesa. Segundo a historiadora Cristina Cancela (2016), a presença e ocupação portuguesa é recorrente desde do período colonial e principalmente desde de 1850 o crescimento foi grande em virtude da economia gomífera, somando a questão econômica equilibrada, implantação dos equipamentos e serviços urbanos, sendo implantados na Amazônia. Interessante que Belém estava no meio da rota dos homens e mulheres da alta burguesia como destino de moradia e investimentos, por conta do crescimento das demandas políticas e econômicas para aceitação social. Dentro dessas transformações, a alimentação estava sendo afetada nas transformações sociais e é possível estudar os fenômenos dentro da "história da alimentação".

De acordo com a historiadora da alimentação Sidiana Macêdo (2009), é possível identificar por meio da alimentação, os valores culturais de uma determinada sociedade, de certa forma, mostra as relações com os segmentos da sociedade de Belém do Pará, demonstrando as formas de sociabilidade e construção identitária, mesmo com o peso das trocas culturais.[4] Sendo assim, outras influências culturais vieram com os imigrantes portugueses como forma de construção de novas identidades que tinham na região, para que as identidades existentes dos nativos pudessem ser apropriadas, mesmo tendo trocas culturais.

Outras influências culturais vieram com os imigrantes portugueses e de outros lugares da Europa, alguns produtos alimentícios e insumos específicos como: a farinha de trigo, arroz, azeite, vinagre, cevada para a fabricação da cerveja, batata, açúcar, conservas, vinho, alho e entre outros gêneros alimentícios que chegavam geralmente nas alfândegas e portos da cidade de Belém, depois paravam no Ver-O-Peso para a análise e

[4] MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *Daquilo que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém (1850- 1900)*. 2009, 232f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009. p. 163.

pesagem dos produtos, após aos processos, os produtos eram abastecidos os mercados, tabernas e comércios dos comerciantes dos centros urbanos e afastados do centro.

Entretanto, dentro das transformações, dos fluxos comerciais e circulação de pessoas e do abastecimento de alimentos na metade do século XIX, não podemos deixar de lado os "sujeitos invisibilizados" na sociedade Oitocentista, onde são silenciados ou não é localizado nas documentações oficiais construídas pelas elites e dentro do interesse político do Estado, onde é ponto central do presente trabalho. Segundo as historiadoras Sidiana Macedo e Amanda Gonçalves (2009), os sujeitos eram encontrados em diversos anúncios propagando a venda ou o aluguel de escravizados que tinham o ofício de cozinheiros(as), como também homens e mulheres vendiam ou serviam as comidas nos locais de venda. Destacando que os negros, escravos(as), mulheres mestiças e libertos, não tinham posição de privlegio na sociedade e infelizmente dentro das documentações quando encontrados, os sujeitos apareciam nos casos de polícia, venda ou busca de emprego.

Dessa forma, a alimentação é essencial para compreensão dos comportamentos do cotidiano e fazer críticas contra as questões sociais em torno dos alimentos e hábitos alimentares, inclusive podemos utilizar o romance de *Hortência* do escritor e jornalista Marques de Carvalho.[5] Onde demonstra as particularidades dos sujeitos construídos no decorrer da obra, juntamente com relações dos comportamentos, cultura e identidades em torno do alimento e os objetos constituídos.

Os sujeitos narrados no decorrer da obra, estão destacado em torno dos hábitos alimentares e do próprio consumo do alimento, na qual os sujeitos consomem determinados alimentos que são trazidos da Europa, e outros fazem o uso-manipulação para a venda do alimento, como forma de comercialização do produto para os moradores

[5] Nasceu em Belém do Pará no dia 06 de novembro de 1866. Cursou Jornalismo e iniciou sua carreira em 1884 como colaborador do Jornal *Diário de Belém*, onde publicou novelas em folhetins como "Georgina". Em 1887, foi um dos fundadores e redator chefe do diário *Comércio do Pará.* Publica o romance naturalista de Hortência em 1888, ano da abolição da escravidão, conhecida como a Lei Áurea. Faleceu no dia 11 de abril de 1910. SALLES, Vicente. Cronologia. In: CARVALHO, M. de. **Hortência.** Belém: Cejup/Secult, 1997.

de Belém, consequentemente, sustento e ganho para o vendedor, como demonstra um trecho da obra

> As largas folhas de alguns mamãozeiros ali plantados rumorejavam surdamente, embatidas pelo vento fresco do **meio-dia**. Vozes de **vendedeiras de açaí** erguiam-se da estrada, **encontravam-se no ar** com os cantos melancólicos dos galos, fazendo ao longe um agradável contraponto (CARVALHO, 1989, p. 59) **(Grifo Meu)**.

As vendedeiras de açaí comercializavam o líquido, e gritavam pelas ruas ou na estrada para vender os produtos nas portas das casas nas áreas centrais, onde a burguesia moravam e tinham vários sujeitos em circulação pela cidade que é narrada durante o romance. Sendo assim,"os riscos potenciais que correm os dependentes nesses diálogos políticos cotidianos é um dos temas a estruturar o romance" (CHALHOUB, 2003, p.50).

Assim, o presente texto demonstra os apontamentos da pesquisa em andamento com base nos documentos impressos coletados na Biblioteca Nacional Digital, especificamente o periódico "Diario de Belém: Folha Politica, Noticiosa e Commercial (PA) - 1868 a 1889" para a investigação dos sujeitos relacionados a alimentação e hábitos na Amazônia Oitocentista relacionando a obra do Marques de Carvalho, destacando os sujeitos encontrados no romance e nos jornais da época. Então, o presente trabalho possui a finalidade em levantar uma discussão sobre os "sujeitos invisibilizados/silenciados" na sociedade do Grão-Pará, destacados no romance de "Hortência", fazendo uma relação com as documentações periódicas, para a localização dos sujeitos em torno dos hábitos e práticas alimentares sobre o alimento. Após os debates será apresentado os resultados, destacando o romance e os elementos que aparecem nos periódicos.

2. OS INVISIBILIZADOS DA BELÉM OITOCENTISTA "CIVILIZADA" EM TORNO DA ALIMENTAÇÃO.

Belém existia a ideia de glamourização da cidade, dentro do projeto eurocêntrico que estava afetando a sociedade e nos hábitos cotidianos, em meio ao sistema escravocrata em destaque nos anos 60 até o início dos 90. De acordo com o historiador José Maia em sua pesquisa, estimou que o quantitativo de escravos em 1872 era de 5087

cativos, onde a população de Belém era em torno de 34464 habitantes, o que a população escrava era menor na segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo, os centros urbanos estavam em crescimento das pessoas livres em virtude da entrada dos imigrantes nordestinos desde dos anos de 1870, de certa forma o mesmo volume de escravos negros existentes há mais ou menos vinte anos atrás.[6]

Neste contexto, os sujeitos da cidade tinham seus costumes distintos da população que moravam nas áreas afastadas dos centros urbanos, e os negros foram afetados diretamente com os formatos de trabalhos e padrões de civilidade europeia. De acordo com o historiador Sidney Chalhoub (1990), os cativos movimentavam nas ruas das cidades e cada dia tornava difícil identificar as pessoas e os sentidos dos movimentos particulares, escondendo cada dia mais as condições sociais dos negros, dificultando uma distinção do escravo, liberto e pretos livres.

E nesses movimentos dos cativos, vertiginosas mudanças pelas quais passava a cidade que levou as transformações das "formas de vida" e dos costumes das pessoas das metrópoles.[7] Como também, mudanças em relação à infraestrutura, chegada de estrangeiros para fazerem negócios e compra de insumos alimentares para exportação, entre outros processos. Para poder atender a demanda do progresso e das mudanças populacionais, foram utilizados escravizados(as) para fornecimento de serviços considerados essenciais, para desempenhar tarefas básicas.

De acordo com a historiadora Conceição Almeida, no decorrer do século XIX, vários anúncios de jornal expressavam tanto a oferta quanto a procura por trabalhadores(as) dedicados à preparação de alimentos em Belém - cozinheiros e cozinheiras.[8] Quando é trabalhado sobre os invisibilizados na sociedade "civilizada" é interessante perceber que os sujeitos são silenciados nas documentações oficiais

[6] NETO, José Maia Bezerra. A Belém dos escravos. Meados do século XVIII aos últimos anos da década de 1880. In: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs.). *Belém do Pará: história cultura e cidade: para além dos 400 anos.* 2° ed. Belém: AÇAÍ, 2016. p. 165-181.
[7] OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Uma senhora na rua do Imperador: população e transformações urbanas na cidade de São Paulo, 1870-1890. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial, volume II: 1870-1889*. 2° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 155-198.
[8] ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. A água e o preparo de alimentos na Belém do Pará no século XIX. In: ALGRANTI, L. M; MACÊDO, S. C. F (Orgs.). **História & Alimentação: Brasil séculos XVI-XXI.** Belém-Pa: Paka-Tatu, 2020. p. 88.

(documentos do Estado), principalmente, aparecem com um pouco de evidência nos jornais, especificamente nos anúncios de venda, compra de escravos, relatos do cotidiano e entre outros.

Sendo assim, os anúncios destacavam a demanda da cidade em relação aos serviços domésticos, contratação de trabalhadores para cozinhar nos armazéns ou em casas de senhores(as) da alta sociedade belenense, principalmente, é destacado a venda de escravos. Como exemplo, no dia 01 de abril de 1970 é destacado nos anúncios do jornal Diário de Belém a venda de uma "escrava mulata, que lava engoma, costura, e cozinha; quem pretender dirija-se a Doca do Reducto caza que foi o Valha-me Deos que achará com quem tratar"[9]. Trazendo uma perspectiva do uso de escravas negras que servia para atender uma demanda civilizatória, para atender os interesses em trabalhar nos serviços domésticos como se fosse considerado um objeto de consumo do atendimento da burguesia urbana, e não olhava o lado humano e nem o psicológico do trabalhador(a).

Dentro da cidade oitocentista, existiam locais onde os invisibilizados eram frequentados para se confraternizar e desenvolver seus hábitos alimentares, contudo, é destacado pela elite como locais incivilizados. Como exemplo, é destacado no romance de Carvalho:

> A esquina da estrada de Nazaré, porém, deteve-se repentinamente. Atira-o uma taberna ali situada, do interior da qual vozes de homens e clarões de [...]. Era uma pequena sala térrea, circundada de tosca armação branca, suja, mal provida de víveres. Só um caixeirinho, português de tipo, servia cachaça a uma preta hedionda, sonolenta e semi-nua (CARVALHO, 1989, p. 148).

A maioria das tabernas em Belém eram consideradas locais sujos e sem devida organização, existia uma certa gritaria nesses locais e palavras de baixo Carlão, que levou a reclamação por parte dos populares. De acordo com a Sidiana Macedo (2009), destaca que tudo indica estas tabernas eram locais repudiadas não apenas pelos vizinhos que

[9] *Diário de Belém*, n. 73. Belém, 01 de abril de 1870, p.2. Encontrado na Biblioteca Nacional Digital. Arquivo Nacional.

ficavam incomodados pelos momentos de alegria ou pela sujeira, mas, uma parte da população via esses encontros como lugares de "pretos" e "desocupados". Para a sociedade "civilizatória" esses locais eram para as "classes perigosas", onde os negros eram considerados malfeitores e "suspeitos preferenciais também devido aquilo que os ex-senhores e atuais patrtões imaginavam ser o caráter dos individos egressos do cativeiro" (CHALHOUB, 1996, p.24).

Sendo assim, esses locais eram frequentados pelos negros e mestiços que iam beber ou se divertir, e esses locias eram comparados com *Courtille* a qual "eram lugares em que havia briga, bebidas e cuja população vizinha á mesma estava sempre pedindo providencias á partulha, até porque eram também lugares comuns para os escravos encontrarem-se para suas 'arruaças" (MACEDO, 2009, p. 171). Trazendo aquela que conhecemos no Tempo Presente como locais de "vadiagem e "vagabundagem", tratando como se fossem malfeitores, sendo que essa imagem era a documentação oficial, sociedade e os senhores que construiram sobre o povo negro que ainda preedomina na atualidade.

3. OS SUJEITOS INVISIBILIZADOS - RELAÇÃO NO ROMANCE E O JORNAL

Os sujeitos não apareciam nos jornais como heróis e grandes feitos na sociedade belenense. Geralmente, apareciam apenas como vendedores, cozinheiros, vendedeiras do açaí, vendedeiras de doce, nos casos de polícia, entre outros. Na fonte literária, os personagens são destacados com importância em relação ao cotidiano da cidade de Belém do Grão-Pará, onde durante a narrativa, o escritor enfatiza os comportamentos dos sujeitos em torno dos alimentos e dos hábitos alimentares.

Assim, serão apresentados os resultados em uma tabela demonstrando os personagens invisibilizados encontrados no romance relacionando a quantidade de aparição durante a narrativa é invisibilizado, após a exposição da tabela, será apresentado a relação da obra com os jornais coletados, destacando os invisibilizados nas documentações.

Tabela 1: Personagens encontrados na obra de Hortência

Personagens	Quantidade
Açaizeiros ambulantes	1
Vendedeiras de açaí	2
Cozinheiro	1
Donos das vacas leiteiras	1
Cozinheiras	1
Vendedeiras de doces	1

Fonte: Soares (2021)

Durante a pesquisa foi necessário fazer o levantamento quantitativo dentro do romance para enumerar os sujeitos em torno dos alimentos e os hábitos alimentares, para relacionar a história da alimentação. Durante a investigação, entre os anos 1870-1890, foi utilizado o jornal *Diário de Belém* que foi selecionado para investigação para a análise do cotidiano dos sujeitos nas atividades, envolvendo a alimentação. E nesses levantamentos para a escrita do trabalho, selecionei o personagem **cozinheiro(a)** e a **vendedora de açaí** por conta dos dados construídos e evidência considerável nos jornais que serão apresentados.

Em primeiro lugar, o cozinheiro(a) é um dos sujeitos invisibilizados que aparece na obra. Dentro do romance o autor descreve o cotidiano das cozinheiras em relação à sociedade oitocentista, destacando com os termos de "malandra", "mulata" ou "rapariga" que é destacado nesta citação: as "cozinheiras malandras regressavam do mercado, sem atentarem no adiantado da hora, com um cínico desprezo pelo estômago dos patrões" (CARVALHO, 1989, p. 51).

As mulheres trabalhavam nas casas dos senhores e em sua maioria eram compradas ou alugadas para desempenhar atividades expressivas determinadas pelas elites, como demonstrado neste anúncio do dia 13 de maio de 1870: "Vende-se uma escrava, mulata,

que sabe cozinhar lavar e engomar, a tratar na rua dos Mercadores na botica de Antonio da S. Castro".[10]

Era comum nos anúncios, a diviulgação de venda ou pedindo para contratar negros(as) para trabalhar nas casas e estabelcimentos comerciais. Nesses periódicos, eram "constante venda e aluguel do trabalho escravo, estes com diferentes habilidades, que neste trabalho tratamos como ofício, como cozinheiros, engomadores e copeiros" (MACEDO, SOUZA; 2020, p. 111). Geralmente, os negros e mestiços eram comprados ou alugados por determinado periodo para trabalhar ou servir nas cozinhas dessas casas, no abastecimento de produtos no porto, venda de determinados produtos alimenticios, aguaceiro e entre outras tarefas. E esses trabalhos não eram apenas na casa, mas, "não raramente conectados a outras atividades relacionadas à vida domiciliar, percebe-se que os moradores que podiam arcar com os custos relacionados a esse ofício buscavam alugar ou adquirir aqueles tipos de trabalhadores" (CONCEIÇÃO, 2020, p. 89).

Como outro exemplo do dia 24 de abril de 1870: *James B. Bond preciza um cozinheiro ou uma cozinheira, quem pretender dirija-se á rosinha do mesmo, no larga da Polvora no canto Paul d´Agua.*[11] Essas atividades na cozinha, possuíam marcante questão do trabalho feminino. Para as historiadoras Sidiana Macêdo e Amanda Souza defendem que

> As escravizadas cozinheiras geralmente ocupavam os trabalhos domésticos em casa de família enquanto que os homens cozinheiros ocupavam o mundo da cozinha fora do ambiente doméstico, como padeiros, cozinheiros de restaurantes, botequins e também como escravos cozinheiros nos estabelecimentos comerciais (MACÊDO; SOUZA, 2020, p. 111-112).

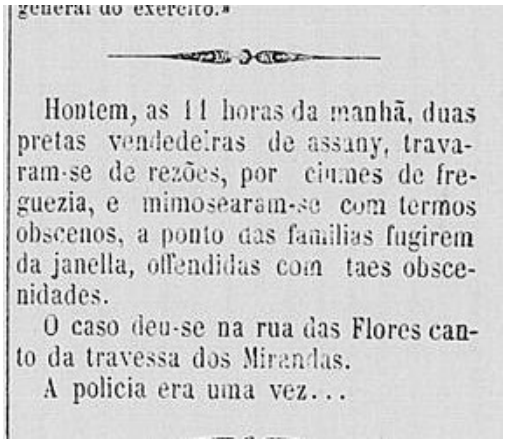
Assim sendo, as cozinheiras de forma geral desempenhavam tarefas nas casas dos sujeitos da burguesia urbana, faziam determinados serviços de compra nos mercados e o

[10] *Diário de Belém*, n 107. Belém, 13 de maio de 1870, p. 4. Encontrado na Biblioteca Nacional Digital. Arquivo Nacional.
[11] *Diário de Belém*, n. 91. 24 de abril de 1870, p. 3. Encontrado na Biblioteca Nacional Digital. Arquivo Nacional.

principal deveria saber cozinhar. Para isso, "o bom escravizado além de saber do ofício da cozinha deveria ter boa saúde, bons costumes e ausência de vícios, visto que tais características eram essenciais" (MACÊDO; SOUZA, 2020, p. 120).

Em segundo lugar, a vendedeira de açaí aparece com evidência no livro, destacando como um sujeito fundamental no fornecimento do alimento para a sociedade endinheirada, porém, é desvalorizado pelos jornais considerado como alguém violento e "obsceno" destacado na notícia abaixo.

Imagem 1: Reportagem sobre duas vendeiras de açaí



general do exercito.»

Hontem, as 11 horas da manhã, duas pretas vendedeiras de assahy, travaram-se de rezões, por ciumes de freguezia, e mimosearam-se com termos obscenos, a ponto das familias fugirem da janella, offendidas com taes obscenidades.

O caso deu-se na rua das Flores canto da travessa dos Mirandas.

A policia era uma vez...

Fonte: DIÁRIO DE BELÉM, 22 de março de 1889 p. 2.

No cotidiano de Belém, os jornais apresentavam páginas inteiras de produtos que vinham da Europa para o deleite da sociedade endinheirada, como os vinhos, os biscoitos, o champagne e outros prazeres da mesa.[12] E o consumo do açaí fazia parte da vida da população, por ser produzido regularmente e não possuía anúncios de venda do produto no jornal (durante as investigações, não encontramos anúncios ou menus a respeito do açaí), porém, existiam disputas das vendedeiras de açaí por freguesia como é descrito no periódico mencionado, onde duas vendedeiras de açaí começaram a brigar por fregueses e isso gerou medo aos populares por conta da falta do pudor e violência praticada que acabaram pulando para as janelas das casas ou das lojas.

[12] SARGES, Maria de Nazaré. O maestro, a cidade e a civilização. In: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs.). *Belém do Pará: história cultura e cidade: para além dos 400 anos.* 2° ed. Belém: AÇAÍ, 2016. p. 252.

O Interessante que o produto era vendido diretamente no Ver-O-Peso, nos portos e alguns botequins vendiam como complemento das refeições onde as pessoas poderiam comprar, mesmo assim, os moradores de Belém preferiam comprar o líquido roxo que era "vendido pelos vendedores ambulantes ou como chama o viajante *a pregoeira*" (MACEDO, 2009, p. 186). E esses vendedores(as) eram a maior parte eram escravas de ganho que comercializavam na cidade durante o dia, no "vento fresco do meio dia. Vozes de vendedeiras de açaí erguiam-se da estrada, encontravam-se no ar com os cantos melancólicos dos galos, fazendo ao longe um agradável contraponto" (CARVALHO, 1989, p. 59).

Elas também eram tinham a função de amassadeiras do fruto e vendedoras do fruto, onde comercializavam pela ruas da cidade ou nas tendas, contendo o fruto nos potes de barro que possuía o fruto, dentro dessas vendas possuíam a finalidade de servir aos senhores de engenhos e tinha que dá uma parte da renda das vendas, onde passavam o dia vendendo para garantir o sustento dos filhos, e ao mesmo tempo, fortalecendo as atividades de serviços dos senhores e a manutenção do costume alimentar.[13]

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade oitocentista de Belém do Grão-Pará estava passando por mudanças em relação aos padrões sociais para a implantação dos modelos civilizatórios que afetaram diretamente a alimentação e os hábitos alimentares. Os estudos destacados no texto são os apontamentos da pesquisa que foram com base nas fontes coletadas na Iniciação Científica e analisados de forma inicial, destacando o cotidiano dos sujeitos invisibilizados do romance em torno dos hábitos alimentares e relacionar aos periódicos, especificamente os anúncios e determinadas parte dos jornais. Dentro dessas perspectivas, o romance de Carvalho é fundamental para compreendermos a sociedade oitocentista na Amazônia em torno do modelo civilizatório eurocêntrico que estava sendo construído no imaginário da sociedade como forma de mudanças específicas "na estrutura da

[13] MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *Daquilo que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém (1850- 1900)*. 2009, 232f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009. p. 186-187.

personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e sentimentos "civilizados" (ELIAS, 1994, p. 291).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. A água e o preparo de alimentos na Belém do Pará no século XIX. In: ALGRANTI, L. M; MACÊDO, S. C. F (Orgs.). *História & Alimentação: Brasil séculos XVI-XXI***.** Belém-Pa: Paka-Tatu, 2020. p. 88.

NETO, José Maia Bezerra. A Belém dos escravos. Meados do século XVIII aos últimos anos da década de 1880. In: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs.). *Belém do Pará: história cultura e cidade: para além dos 400 anos.* 2° ed. Belém: AÇAÍ, 2016. p. 165-181.

CARVALHO, João Marques de. *Hortência.* Belém: Fundação do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado de Cultura, 1989.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador.* São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

CANCELA, Cristina Donza. A presença portuguesa em Belém: percepções, circulação e experiências (1850-1920). In: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs.). *Belém do Pará: história cultura e cidade: para além dos 400 anos.* 2° ed. Belém: AÇAÍ, 2016. p. 99-119.

CASCUDO, Luís da Camara. *História da Alimentação no Brasil [recurso eletrônico].* 1° ed.. São Paulo: Global Editora, 2016.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994. E-book Kindle.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação* (tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira). São Paulo: Estação Liberdade, 1998. E-book Kindle.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial, volume II: 1870-1889*. 2° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *Daquilo que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém (1850- 1900)***.** 2009, 232f. Dissertação

(Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de; SOUZA, Amanda Danniely Proença Gonçalves. Os cozinheiros(as) negros(as) no Pará e suas possíveis abordagens (1870 – 1888). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP),* (ISSN: 2359-0831 - on-line), Belém, v. 07, n. 03, p. 108 - 122, nov./ 2020.

MOREIRA, Eidorfe. O primeiro romance belenense. In: CARVALHO, João Marques de. *Hortência.* Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/ Secretaria de Cultura, 1989.

SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs.). *Belém do Pará: história cultura e cidade: para além dos 400 anos.* 2° ed. Belém: AÇAÍ, 2016.

SALES, Germana Maria Araújo; SILVA; Alan Victor Flor da. A recepção crítica da obra naturalista Hortência, de Marques de Carvalho. *RevLet – Revista Virtual de Letras* (ISSN: 2176-9125), Jataí- Goiás, v. 04, nº 02, ago/dez, 2012.